



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

ANA LUIZA FERREIRA CRUZ E SOUSA

**A SUSTENTABILIDADE É IMPORTANTE NA ORGANIZAÇÃO DE  
MEGAEVENTOS ESPORTIVOS?**

BELÉM  
2022

ANA LUIZA FERREIRA CRUZ E SOUSA

**A SUSTENTABILIDADE É IMPORTANTE NA ORGANIZAÇÃO DE  
MEGAEVENTOS ESPORTIVOS?**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para  
obtenção de grau de Licenciada em Educação  
Física, Faculdade de Educação Física, Instituto De  
Ciências Da Educação, Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr. Carla Isabel Paula Rocha Araujo

BELÉM  
2022

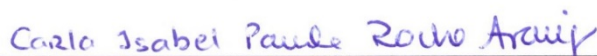
ANA LUIZA FERREIRA CRUZ E SOUSA

**A SUSTENTABILIDADE É IMPORTANTE NA ORGANIZAÇÃO DE  
MEGAEVENTOS ESPORTIVOS?**

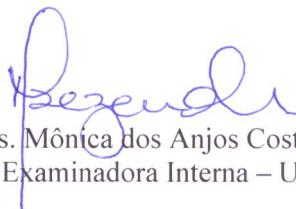
Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção de grau em Licenciatura em Educação Física, Faculdade de Educação Física, Instituto de Ciências Da Educação, Universidade Federal do Pará.

**APROVADO EM:** 12/07/2022

**BANCA EXAMINADORA**



Profª. Dr. Carla Isabel Paula rocha Araujo  
Orientadora – UFPA



Profª. Ms. Mônica dos Anjos Costa de Rezende  
Examinadora Interna – UFPA



Profª. Eps. Edna de Oliveira Evaristo  
Examinadora Interna – UFPA

## RESUMO

O termo sustentabilidade é recente, por conseguinte torna-se pertinente investigar este conceito, para que se possa delimitar o que é Ambiente, Sustentabilidade e Desenvolvimento Sustentável (DS), neste capítulo será apresentado, a sustentabilidade na ótica do DS, ou seja, o tripé que abarca o econômico, o social e o ambiental. Pois nos parece que esta visão é a que agrega mais valor ao esporte e à humanidade como um todo. Assim, iremos nos debruçar sobre Megaeventos que agregam grande número de participantes, ocorrem num período de longa duração e com implicações diretas nas cidades e/ou países que sediam e em sua magnitude, para ser considerado sustentável, deve impedir a degradação ambiental, gerar a distribuição de riqueza entre as diversas camadas e setores da sociedade afetados, incluindo o próprio empreendedor, evitar o empobrecimento das futuras gerações e também atender necessidades individuais.

**Palavras-chaves:** Sustentabilidade, Megaeventos, Esporte.

## ABSTRACT

The term sustainability is recent, therefore it is pertinent to investigate this concept, so that it is possible to delimit what is Environment, Sustainability and Sustainable Development (SD), in this chapter, sustainability will be presented from the perspective of the DS, that is, the tripod that encompasses the economic, the social and the environmental. Because it seems to us that this vision is the one that adds the most value to sport and humanity as a whole. Thus, we will focus on Mega-events that bring together a large number of participants, occur over a long period and with direct implications in the cities and/or countries that host them and in their magnitude, to be considered sustainable, it must prevent environmental degradation, generate distribution of wealth among the different layers and sectors of society affected, including the entrepreneur himself, preventing the impoverishment of future generations and also meeting individual needs.

**Keywords:** Sustainability, Mega-events, Sport.

## SUMÁRIO

<b>1. Falar de Sustentabilidade é Primordial.....</b>	<b>3</b>
<b>2. Megaeventos Desportivos.....</b>	<b>11</b>
<b>3. Como conciliar a organização de megaeventos desportivos com a sustentabilidade? .....</b>	<b>15</b>
<b>4. Conclusão .....</b>	<b>19</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>21</b>

## A SUSTENTABILIDADE É IMPORTANTE NA ORGANIZAÇÃO DE MEGAEVENTOS ESPORTIVOS?

Professora Dr.<sup>a</sup> Carla Isabel Paula da Rocha Araujo – FEF-UFPA  
 Ana Luiza Ferreira Cruze Sousa – FEF-UFPA  
 Bárbara Araújo da Silva – FEF-UFPA

Carla Isabel Paula Rocha Araujo, Professora na Faculdade de Educação Física da Universidade Federal do Pará (FEF-UFPA); Pós-Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCEE-UERJ) coordenando a pesquisa PERCEPÇÃO DE LEGADOS RIO 2016 PELA POPULAÇÃO CARIOCA; Doutora em Ciências do Desporto com DISTINÇÃO pela Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, diploma devidamente validado pela Universidade de São Paulo (USP); Especialização em Gestão Desportiva pela Faculdade de Desporto da Universidade do Porto; Licenciatura e Bacharelado em Desporto e Educação Física pela Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto, diploma devidamente validado pela Universidade de São Paulo (USP); Pesquisadora Científica em equipes nacionais e internacionais; Editora de Livros e Journals Acadêmicos na área de esporte, olimpismo, sustentabilidade, educação, megaeventos.

Ana Luiza Ferreira Cruz e Sousa, graduando do 6º semestre do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Pará. Bolsista do Programa Institucional de Iniciação Científica (PIBIC/UFPA). Membro voluntário do Grupo de Pesquisa em Educação, Educação Física, Esporte e Lazer (GEPEF/UFPA). Membro voluntário do Grupo de Pesquisa e Extensão em Gestão e Inovação Esportiva (GPEX/UFPA). Membro da organização da I Jornada Paraense de Sustentabilidade e Gestão Esportiva.

Barbara Araújo da Silva, graduando do 6º semestre do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Pará. Bolsista do Programa Institucional de Iniciação Científica (PIBIC/UFPA). Integrante do Grupo de Pesquisa em Educação Física, Esporte e Lazer (GEPEF/UFPA). Membro voluntário do Grupo de Pesquisa e Extensão

mGestão e Inovação Esportiva (GPEX/UFPA). Membro da organização da I Jornada Paraense de Sustentabilidade e Gestão Esportiva.

## **Falar de Sustentabilidade é Primordial**

O termo sustentabilidade é recente, por conseguinte torna-se pertinente investigar este conceito, para que se possa delimitar o que é Ambiente, Sustentabilidade e Desenvolvimento Sustentável (DS).

A filosofia de consumo desenfreado (defendida pelo capitalismo), em que as necessidades e desejos do homem nunca são atendidos, encontra-se em rota de colisão com o planeta e as sobrevivências das espécies, entre elas a humana. A dicotomia entre mercado livre e sociedade civil, que hoje impera, é uma característica de muitos países, mas que não atende ao planeta, nem à humanidade (Polanyi, 2000). Precisamos, portanto, explorar outras veredas, sustentáveis e onde o mercado preste um serviço de reciprocidade e de redistribuição, promovendo assim a coesão social, como ocorria (e ainda ocorre) em sociedades menos desenvolvidas.

A ambição de ver as pessoas vivendo de forma respeitável, solidária e sem danificar o ambiente é a base do que Polanyi denominava como ‘contramovimento’. Um ‘contramovimento’ que não se fortaleceu suficientemente no século XX, deixando que o mercado livre tomasse todos os espaços e ditasse a vida de todos (social, ambiental e económica), que, ainda assim, poderá renascer no século XXI aliada aos valores disseminados pelo DS.

Karl William Kapp, denominado de ecossocioeconomista após retornar da Índia, onde aplicou a “teoria do custo social para desenvolver problemas”<sup>1</sup> (Berger, 2008b, p.392), ajudou a lançar as bases para o DS e cooperou ativamente na elaboração da *Resolução de Tóquio*<sup>2</sup>. Esta declarava ser o ambiente uma herança do presente para as gerações futuras (Tsuru, 1972), algo que posteriormente foi resgatado pelo Tratado de Brundtland, em 1998.

Entre os grandes eventos relativos às questões ambientais e de sustentabilidade, há a destacar a criação do Clube de Roma e a Economia Verde (defendida por alguns economistas como o caminho para uma economia que não agrida o meio ambiente).

O Clube de Roma foi pioneiro ao alertar a humanidade para a incapacidade do planeta em acolher o crescimento ilimitado, e que este já estava provocando o desgaste

---

<sup>1</sup> Traduzido do Inglês: “theory of social cost to development problems”

<sup>2</sup> Traduzido do Inglês: ‘Tokyo Resolution’

ambiental, pois “as fontes de recursos naturais não seriam eternas” (Meadows et al., 2008, p. XXIV). É o primeiro a “abrir o caminho para um debate sobre o tema do crescimento zero, visto como o único remédio para a crise ambiental”<sup>3</sup> (Gouguet, 2000, p. 12). No entanto, as suas análises não foram bem acolhidas pela sociedade industrial, nem pelos economistas, mas serviu como alerta de que, talvez, haja um limite ecológico que deve ser ponderado na promoção do crescimento económico (Karamichas, 2013).

Historicamente o conceito de DS parece ter surgido em 1979 durante o Simpósio das Nações Unidas sobre Recursos, Ambiente, População e Desenvolvimento<sup>4</sup>, quando alguns conferencistas se levantaram e afirmaram: “Nós não somos contra o desenvolvimento, apenas queremos que este seja sustentável” (Veiga & Zatz, 2008, p. 38)

Foi durante a década de 80, como Relatório *Nosso Futuro Comum*, mais conhecido como Tratado de Brundtland (Comissão Mundial Sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, 1991), que o conceito foi aprofundado e apresentado pela equipa que a Senhora Gro Harlem Brundtland liderou entre 1983 e 1987 (WCED, 1987) às Nações Unidas. Até então, o conceito de DS não era algo claro ou familiar, e após o Tratado, este passou a ser mais indagado, promovendo assim uma maior acuidade como planeamento do presente, em virtude das consequências futuras. Este afirma que, “a humanidade é capaz de tornar o desenvolvimento sustentável, de garantir que este atenda às necessidades do presente, sem comprometer a habilidade das gerações futuras atenderem, também, às suas necessidades”<sup>5</sup> (Comissão Mundial Sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, 1991, p. 9).

Discernir Ambiente, Sustentabilidade e Desenvolvimento Sustentável é uma tarefa árdua mas importante para que estas não se tornem palavras ruidosas e sem nexo. Logo, é tarefa primordial que se contextualize os mesmos, para que se possa transpor as suas noções para o mundo desportivo, de forma clara.

---

<sup>3</sup> Traduzido do Francês “ouvre la voie à une polémique sur le thème de la croissance zéro, considéré comme le seul remède à la crise environnementale”

<sup>4</sup> United Nations Symposium on the Interrelations between Resources, Environment, Population and Development

<sup>5</sup> Para a versão em Inglês consultar WCED (International Olympic Committee, n/d-c): “We define sustainable development in simple terms as the path of progress which meets the needs and aspirations of the present generation without compromising the ability of future generations to meet their needs”

Al Gore alerta a humanidade, em seu livro *Uma Verdade Inconveniente*<sup>6</sup>, que a relação do Homem com a terra tem vindo a transformar-se de forma drástica e que “devido a uma combinação de fatores, como a explosão demográfica, a revolução tecnológica e a predisposição para ignorar as consequências futuras das ações presentes” (Kakutani, 2006, p.8), a Humanidade corre um grande risco.

Talvez falte uma visão como a de Maria José Varandas que afirma tratar-se de “indagar se a natureza tem um valor próprio (intrínseco) ou se, pelo contrário, será sempre um meio para a satisfação das necessidades humanas (valor instrumental) e, neste caso, é do tipo de necessidade humana que é preciso falar” (2009, p.32).

Mas enquanto a visão mundial estiver associada “aos que detêm o poder, aos que controlamos mercados, aos que vendemos compramos e usamos, seus bens e serviços, água, genes, sementes, órgãos humanos, pessoas feitas mercadorias” (Boff, 2009) então o meio ambiente será sempre usurpado ou, pelo menos, não será visto como um problema.

Fritjof Capra, em entrevista transcrita por Ana Maria (2013) a um jornal brasileiro, começou por admitir que o conceito de Sustentabilidade tem assumido ao longo dos tempos diversas formas. Ou seja, é um conceito pouco claro e que tem servido para muita coisa, inclusive o interesse de algumas entidades.

Capra não é a favor do crescimento zero, pois “crescer é uma característica central da vida” (Palestra de Capra transcrita por Ana Maria, 2013), mas convida-nos

a aprender como o ecossistema, onde “uns crescem mais, outros declinam e assim reciclam seus componentes, que se tornam recursos para um novo crescimento” (Palestra de Capra transcrita por Ana Maria, 2013). Logo, este autor propõe-nos uma mudança de paradigma de *quantidade para qualidade*, pois acredita que o “crescimento qualitativo é consistente com a nova concepção científica da vida” (Palestra de Capra transcrita por Ana Maria, 2013).

Para Savery e Gilbert, a sustentabilidade é um “conceito holístico muito mais profundo do que apenas as considerações ambientais. No sentido amplo, sustentabilidade refere-se a uma perspetiva holística que harmoniza as dimensões e sistemas sociais, económicos e ambientais e balanceia as oportunidades e os limites” (2011). Segundo os autores, a noção de sustentabilidade assemelha-se à de DS, o que sendo algo comum, não é compartilhado por todos os autores.

---

<sup>6</sup>An Inconvenient Truth

Segundo a ONU, o DS visa buscar o equilíbrio entre as necessidades econômicas e sociais da humanidade e a capacidade dos recursos da terra e do ecossistema de atenderem às necessidades presentes e do futuro (Brundtland, 1987). A Divisão sobre o Desenvolvimento Sustentável (CDS) da ONU, de forma clara, destaca nos seus objetivos, que a “integração das dimensões social, econômica e ambiental do desenvolvimento sustentável faz parte da formulação de políticas quer ao nível internacional, regional e nacional” (DSD, 2010). Já o Instituto Internacional para o Desenvolvimento

Sustentável (IISD) das Nações Unidas (NU) afirma que “de forma geral é aceito que o desenvolvimento sustentável conlamba para a convergência entre os três pilares do desenvolvimento econômico, da equidade social e da proteção ambiental”<sup>7</sup> (Drexhage & Murphy, 2010, p. 2).

Efetivamente, “o termo desenvolvimento sustentável sofre de definições ambíguas ou imprecisões (IPCC, capítulo 12.1.2). A opinião dominante dos governos e das empresas é que o desenvolvimento sustentável é o contínuo crescimento econômico feito de forma ambientalmente mais sensível de forma a elevar os padrões de vida globalmente e quebrar a ligação entre pobreza e degradação ambiental.

No entanto nem tudo corre da melhor forma, de tal modo que “alguns críticos acusam a comunidade empresarial de usar o desenvolvimento sustentável como uma forma de camuflar práticas ambientalmente destrutivas como verdes — uma racionalização para o crescimento econômico sem a devida preocupação por questões ambientais ou sociais”<sup>8</sup> (Drexhage & Murphy, 2010, p. 10), e outros, tais como ONGs e acadêmicos argumentam que o desenvolvimento sustentável não vai longe o suficiente para criar o estilo de vida, consumo e mudanças comportamentais necessárias — quem mudanças radicais são necessárias no mundo econômico.

Para Drexhage e Murphy “o conceito e a ideia de desenvolvimento sustentável é amplamente aceita, e bons progressos têm sido feitos na operacionalização do desenvolvimento sustentável; no entanto, a implementação do desenvolvimento sustentável tem sido um grande sucesso”<sup>9</sup> (2010, p. 12). Muito deste sucesso se

<sup>7</sup> Traduzido do Inglês: “It is generally accepted that sustainable development calls for a convergence between the three pillars of economic development, social equity, and environmental protection”

<sup>8</sup> Traduzido do Inglês: “Some critics accuse the business community of using sustainable development as a way to paint environmentally destructive practices green — a rationalization for economic growth without due concern for environmental or social imperatives”

<sup>9</sup> Traduzido do Inglês: “The concept and idea of sustainable development is widely accepted, and good progress has been made on sustainable development metrics; yet the implementation of sustainable

deve à dificuldade em visualizar o DS como algo abrangente e global, que não diz respeito apenas às questões ambientais ou econômicas, e que a resolução passa pela interação entre as três dimensões e não a sobreposição de uma sobre a outra.

O foco, nos últimos anos, tem sido nas questões econômicas e ambientais, relegando o social para um papel secundário. Este parece estar a surtir efeitos negativos, afinal o fosso entre ricos e pobres é cada vez maior e as "crescentes desigualdades de renda tem sido observada na maioria dos países nas últimas duas décadas"<sup>10</sup> (Drexhage & Murphy, 2010, p. 15). A "desigualdade global tem vindo a diminuir, e o mundo é um lugar menos desigual do que era há 25 anos, mas isso é em grande parte resultado do desenvolvimento bem-sucedido na China e na Índia"<sup>11</sup> (Drexhage & Murphy, 2010, p. 15). Afinal, o "mundo permanece extremamente desigual, com 1% da população mais rica do mundo possuindo 40% da riqueza mundial; enquanto os 50% mais pobres têm apenas 1% da riqueza mundial"<sup>12</sup> (Drexhage & Murphy, 2010, p. 15).

Sachs (2002), apelidado também de ecossocioeconomista (tal como Kapp), refere que "quer se jadenominado de desenvolvimento ou desenvolvimento sustentável, a abordagem fundamental na harmonização de objetivos sociais, ambientais e económicos não se alterou desde o encontro de Estocolmo". No entanto, o autor alerta que, muitas vezes, o termo sustentabilidade é utilizado para expressar apenas a sustentabilidade ambiental, o que não será muito correto" (Sachs, 2002).

Para Sachs (2008) o desenvolvimento vai além da mera multiplicação da riqueza material; traz consigo a promessa de tudo; equidade, igualdade e solidariedade estão embutidas no conceito de desenvolvimento.

A noção de DS defendida pela maioria dos autores engloba três dimensões (social, ambiental e económica) que tentam-se equilibrar (Tripé). DS deveria significar equidade entre os três, o que nem sempre acontece, daí alguns autores falarem de sustentabilidade ambiental, sustentabilidade social, sustentabilidade política,

development has been largely unsuccessful"

<sup>10</sup> Traduzido do Inglês: "Rising income inequality has been observed in most countries over the past two decades"

<sup>11</sup> Traduzido do Inglês: "Global inequality has been declining, and the world is a less unequal place than it was 25 years ago, but this is largely a result of successful development in China and India"

<sup>12</sup> Traduzido do Inglês: "world remains extremely unequal, with the richest 1 per cent of the world's population owning 40 per cent of the world's wealth; while the poorest 50 per cent have barely 1 per cent of world wealth"

econômica, etc.

Capra refere que “quando pensamos sobre os maiores problemas, o surpreendente é que estão interconectados. Não temos apenas uma crise econômica, ou ecológica, ou de pobreza, ou financeira, elas estão todas conectadas. Esses problemas não podem ser compreendidos isoladamente. São sistêmicos, interdependentes e precisam de soluções correspondentes” (Palestra de Capra transcrita por Ana Maria, 2013). Daí o DS ser a melhor resposta para todas estas crises, pois nela enquadrados valores sociais, econômicos e ambientais.

Desenvolvimento sustentável é um conceito fluido e várias definições têm surgido ao longo das últimas duas décadas.

“Enquanto desenvolvimento sustentável destina-se a abranger três pilares, nos últimos 20 anos ele tem muitas vezes sido *compartmentalizado* como uma questão ambiental. Somado a isso, e potencialmente mais limitantes para a agenda de desenvolvimento sustentável, é a orientação reinante do desenvolvimento como crescimento puramente econômico. Este tem sido o quadro usado pelos países desenvolvidos para atingir níveis sem precedentes de riqueza, e rapidamente os países em desenvolvimento estão seguindo o mesmo curso. O problema com essa abordagem é que os recursos naturais estão em perigo iminente de esgotamento ou sua qualidade sendo comprometida a ponto de ameaçar a biodiversidade atual e ambientes naturais”<sup>13</sup> (Drexhage & Murphy, 2010, p. 2).

Uma ótica interessante a nível social é a possibilidade de existirem empresas sociais, auto sustentáveis e orientadas para o lucro (mas que ninguém fica com ele) ou para o lucro zero, em que “tudo se faz para o benefício dos outros e nada em benefício dos seus proprietários – exceto o prazer de servir a humanidade”. Esta seria uma forma de solidariedade que atrairia muitos investidores. O autor defende este caminho como saída para os jovens de países ricos que se sentem desanimados e frustrados como capitalismo de mercado existente, onde o socialismo surgiu como uma esperança pela qual valia apenas lutar, na busca do mundo perfeito que estes sonham

---

<sup>13</sup> Traduzido do Inglês: “While sustainable development is intended to encompass three pillars, over the past 20 years it has often been compartmentalized as an environmental issue. Added to this, and potentially more limiting for the sustainable development agenda is the reigning orientation of development as purely economic growth. This has been the framework used by developed countries in attaining their unprecedented levels of wealth, and major and rapidly developing countries are following the same course. The problem with such an approach is that natural resources are in imminent peril of being exhausted or their quality being compromised to an extent that threatens current biodiversity and natural environments”

eanseiam construir, mas que no entanto não de frutos (Yunus, 2007).

Talvez as empresas tradicionais com fins lucrativos possam conviverem harmonia e equilíbrio com empresas sociais auto sustentáveis. E desta forma o mundo poderia tornar-se num lugar melhor, mais justo, equitativo e que todos poderão se sustentar. Afinal, as empresas sociais visam não apenas a oferta de produtos e serviços orientados para os mais carentes, mas também a oportunidade de se criarem mais postos de trabalho.

Se existem empresas privadas orientadas para o atendimento dos mais ricos e/ou classe média, e um atendimento público muitas vezes ineficiente e que não chega a o restante da população, então “o grande fosso entre os dois tipos de serviço pode ser ocupado por empresas sociais” (Yunus, 2010, p. 24).

Mas, para tal é necessário que se verifique se as empresas sociais são viáveis. Yunus diz que sim e refere alguns exemplos no seu livro *A empresa social*, e alerta que “uma empresa social tem de ser em primeiro lugar uma empresa” (2010, p. 151).

Uma que não vise o lucro para seus investidores, pois isso poderia ser-se-ia “à causa social absoluta” (2010, p. 40) a qual está inerente à sua existência e sobrevivência.

Já Lomborg (2002) alerta-nos para a discrepância entre os gastos (gigantescos) com problemas ambientais comparativamente ao investimento (parco) no social, “não é dizer que o aquecimento global não está a acontecer, não significa que este não seja um grande problema, mas dizer que, o que podemos fazer é muito pouco, a um custo muito elevado. A questão é gastar muito para obter pouco, ou seja investir muito dinheiro e o retorno ser pequeno. Com metade do dinheiro gasto com o que poderíamos resolver metade dos grandes problemas mundiais”<sup>14</sup> (Bjorn Lomborg Conference em Ted Talks, 2007)). Os problemas que Lomborg se refere são justamente os sociais, “800 milhões de pessoas morrendo de fome, 1 bilhão com falta de água potável, 2 bilhões sem saneamento básico, 2 milhões morrem de SIDA todos os anos, 175 milhões são emigrantes internacionais, 940 milhões são adultos analfabetos” (Bjorn Lomborg Conference em Ted Talks, 2007).

Portanto, a partir desta conceptualização, iremos abordar, neste capítulo, a sustentabilidade na ótica do DS, ou seja, o tripé que abarca o económico, o social e o ambiental. Pois nos parece que esta visão é a que agrega mais valor ao esporte e à humanidade como um todo.

---

<sup>14</sup> Tradução livre

## Megaeventos Desportivos

Para uma maior compreensão do tema é importante fazermos um breve resgate histórico. Matias (2013) aponta que os eventos têm sua origem na Antiguidade com os Jogos Olímpicos, atravessando toda a história da civilização humana. Com o Império Romano, antes e após o advento do Cristianismo, promovendo a política do pão e circo. Durante a Idade Média (IM) marcada por vários eventos religiosos. Após o declínio da IM e a volta do espírito investigativo, anos depois, propiciou marcos na história humana, como a Primeira Revolução Industrial e a organização dos primeiros congressos científicos, entre outros.

Um evento pode ser entendido então, como um momento organizado nos seus vários aspectos e detalhes por uma pessoa ou uma comissão para um determinado fim, seja lucrativo ou não e para além. Segundo Giacaglia (2004) apud Pinto (2018, p.6) “um evento consiste numa interação social, resultado da necessidade de aumento da rede de conhecimentos”, isto é, reconhece que um evento é um elemento catalisador na transmissão de ideias e valores uma vez que estabelece uma relação com todos os participantes daquele momento.

Os eventos podem ser divididos em 7 tipos, tipologia essa pensada por Sachetti (2009) apud Sarmiento *et al* (2011), sendo: “desportivos, sociais, religiosos, políticos, empresariais, sectoriais e especiais em função da sua estrutura, dinâmica e públicos-alvos” (p. 79).

Nesse sentido, um evento desportivo tem todos os elementos de qualquer outro, porém, se diferencia por suas especificidades como a carga emocional envolvida, imprevisibilidade e o resultado final além de ocorrerem com pouca frequência ou apenas uma vez. Aqueles que os visitam procuram viver novas experiências, distintas das vividas no cotidiano (ISHIY, 1998, p. 48).

Corroborando com isso, Sarmiento *et al* (2011) completa afirmando que um evento desportivo é

um espaço de interação entre territórios comunicacionais bem diferentes, nos quais as expectativas raramente são coincidentes, criando um tornada sua efectivação ou um clima de grande complementaridade, quando não, de alguma ou muita oposição, confronto e imprevisibilidade (SARMENTO *et al* 2011, p.94).

Ademais, dentro da categoria eventos desportivos temos mais uma divisão e Pinto (2018) indicam no seu estudo 4 tipos, com base nos estudos de Sarmiento *et al*.

(2011) e Sarmiento & Pinto (2014),

1. Mega-Eventos – eventos de nível internacional com uma ocorrência de duração superior a quatro dias;
2. Grandes Eventos – compreende eventos na grandeza de milhares de atletas e grandes audiências e espectadores;
3. Pequenos eventos – compreende eventos de nível internacional nacional, com menor número de atletas, menor duração e público mais reduzido;
4. Micro Eventos – compreende eventos de menor relevância temporal e espacial, no qual se integram os campeonatos ou torneios locais ou regionais (PINTO, 2018, p.11).

Neste trabalho iremos nos debruçar sobre Megaeventos que agregam grande número de participantes, ocorrem num período de longa duração e com implicações diretas na cidade e/ou países que sediam. Podem ser considerados marcos da modernidade ao longo da tradição de integrar interesses industriais e corporativos com aqueles de governos em relação ao desenvolvimento urbano e imagem nacional (SCHIMMEL, 2006), podemos citar como exemplos as Olimpíadas de Inverno e Verão, e a Copa do Mundo de Futebol.

A realização de eventos baseados nos princípios da sustentabilidade tornou-se uma preocupação para os profissionais que atuam nos processos de produção de megaeventos. Neto (2011) afirma que um evento esportivo de magnitude, para ser considerado sustentável, deve impedir a degradação ambiental, gerar a distribuição de riqueza entre as diversas camadas e setores da sociedade afetados, incluindo o próprio empreendedor, evitar o empobrecimento das futuras gerações e também atender necessidades individuais.

A exemplo podemos citar a capital inglesa, Londres, como a primeira sede a incorporar a sustentabilidade em todas as etapas do planejamento de uma Olimpíada no ano de 2012. Para isso, foi criado em 2007 a **Comissão para Londres mais Sustentável 2012**, como intuito de que o conceito de sustentabilidade fosse incorporado desde a primeira etapa de projeto dos Jogos (Commission for a Sustainable London, 2012-<http://www.cslondon.org/about.html>).

Antes disso, apenas os jogos de inverno em Vancouver (2010) haviam aderido à proposta baseados nos relatórios da GRI, “Guia para Relatório de Sustentabilidade” (Sustainability Reporting Guidelines), os organizadores dos Jogos de Vancouver desenvolveram um estudo pioneiro de sustentabilidade para os megaeventos. Além disso, Vancouver 2010 foram os primeiros Jogos a incluir a sustentabilidade como princípio básico no desenvolvimento dos Jogos de Inverno (OLYMPIC.ORG, 2012a).

Em virtude destes megaeventos esportivos terem implicações diretas nas cidades/países sede, causando danos ambientais, sociais e absorvendo grande parte do investimento econômico local, torna-se primordial que se discuta a importância da sustentabilidade na organização dos mesmos.

Ainda que bem-sucedido, o megaevento projeta uma imagem positiva ou nova da cidade e/ou país sede, através de mídias nacionais e internacionais. É habitual que promovam consequências a longo prazo em termos de turismo, realocações industriais e chegada de investimentos. Segundo Matias (2018), os organizadores de megaeventos, como os dos Jogos Olímpicos, Copa do Mundo, Jogos Pan-americanos entre outros, afirmam que esses eventos ajudam a compor necessidades econômicas, culturais e os direitos dos cidadãos locais, mesmo que não sejam consultados para participarem da sua realização.

Ademais, sobre os impactos dos megaeventos no país, cidade-sede, sociedade etc.. Preuss (2008) apud Araujo (2016) dialoga que se trata de implicações e mudanças durante a realização dos megaeventos, podendo estes serem positivos ou negativos, assim como tangíveis (diretos) ou intangíveis (indiretos), incluindo, todos os aspectos ambientais, econômicos e sociais.

O Dr. Holger Preuss – conferencista internacional do Seminário de Gestão de Legados de Megaeventos Esportivo – destaca que esses eventos são catalisadores importantes na melhoria da qualidade de vida de moradores locais. Por conseguinte, os Megaeventos deixam um legado para a cidade e/ou país sede e um conjunto de atributos para a melhoria da qualidade de vida da população. Isto demonstra as relações ambientais, culturais, econômicas, políticas e sociais que esse tipo de eventos provocam desde o processo de captação, passando pela organização e realização do mesmo e terminando na pós realização. Matias (2008) reforça esta ideia quando refere que os megaeventos têm implicações anível:

Esportivo – novas e modernas instalações esportivas; incentivo à formação de atletas; Turístico – ampliação da marca internacional da cidade; captação de mais e maiores eventos; Urbanístico – mais intervenções urbanas, de melhor qualidade e mais rapidamente; Empresarial – capacitação internacional; Social – melhoria das condições de vida da população; Lazer – mais praticantes de atividades físicas.

O legado dos megaeventos não fica apenas no âmbito positivo, a população urbana é diretamente afetada pelas obras, deslocados e reassentamentos. Segundo Santos e Pena (2017), da Copa do Mundo de Futebol para os Jogos Olímpicos um dos pontos críticos da realização dos megaeventos esportivos no Brasil foi o desrespeito

com as populações urbanas.

A falta de participação da população no processo de organização dos grandes eventos, é um aspecto negativo a ser destacado. No Brasil não foi exceção, infelizmente não houve a presença da população no processo de candidatura, organização, realização e gestão do legado. Os comitês organizadores dos eventos esportivos realizados no Brasil usaram, muitas vezes, os resultados de pesquisas de opinião para justificar e legitimar suas ações e decisões. Entretanto, este procedimento está muito aquém do desejado para eventos que afetam substancialmente a vida das pessoas e envolvem, como no caso brasileiro, enormes investimentos públicos (SANTO E PENA, 2017).

Para Curi (2013), o legado de um megaevento esportivo é algo tão complexo que dificilmente pode ser resumido em poucas palavras ou números. Defensores e opositores argumentam principalmente ganhos e perdas financeiras. Podemos exemplificar a jornada brasileira, que inventou um número próprio para o orçamento total dos jogos: R\$400 milhões, utilizando o índice citado, chegamos ao valor de aproximadamente R\$1 bilhão de orçamento aproximadamente (BRASIL, 2008).

Quando pensamos em legado é preciso entender que se trata não somente de identificar pontos negativos e positivos, frutos de um evento, mas analisá-los, isto é, demandar tratamentos desses dados a obtenção de significados. Segundo Brasil (2008), assim como a sustentabilidade, o legado precisa de planejamento para que se torne, então, positivo.

Além disso, é importante ressaltar que a esfera do planejamento que promove o legado dos megaeventos precisa ser positiva a longo prazo, já que esse processo é longo. Portanto, o

legado ideal é o que consegue ser positivo em todos os aspectos: esportivo, econômico, social e ambiental. Com planejamento, ter sucesso em todos os quesitos, já é algo bastante difícil; na ausência de planejamento, praticamente impossível (BRASIL, 2008)

Corroborando nessa linha, Araújo, Senna e Santos (2020) apontam que o legado não converge apenas para o esporte mas para outros âmbitos, visto que para os autores o legado tem como base o tripé do desenvolvimento sustentável: Legado Social, Legado Econômico e Legado Ambiental, sendo assim também está atrelado ao desenvolvimento da cidade, à economia e às esferas social.

Além disso, Araújo (2016) clarifica a diferença entre impactos, legado e

heritage (herança em português). O “Impacto acontece antes e durante os JO, Legados refere às contribuições do presente para o futuro, e *Heritage* concerne ao capital/patrimônio acumulado do hoje que ficará para as gerações futuras” (ARAÚJO, 2016, p.8).

Na preparação carioca para receber os megaeventos esportivos Copado Mundo de Futebol de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016, ocorreu o denominado “repertório da remoção” que seria caracterizado pela mobilização do termo “legado” (BRASIL, 2008). Exemplo de legado social que modificou a estrutura e o cotidiano das favelas que beneficiou uma população local.

Um dos “legados” mais importantes apresentados como decorrência da realização desses megaeventos, no Brasil, seria o programa Morar Carioca lançado em julho de 2010. e cujo principal objetivo seria o de urbanizar todas as favelas da cidade até o ano de 2020 (MAGALHÃES 2013).

Nesse contexto é importante destacar que os legados se dividem em duas dimensões, a primeira seria relacionada ao “legado físico” que se refere propriamente às intervenções levadas a cabo pela administração pública no espaço urbano, como exemplo o BRT que foi um investimento visando a melhoria do transporte; segunda, ao “legado da autoestima” ou da imagem da cidade que expressaria a mudança visual (Magalhães, 2013).

### **Como conciliar a organização de megaeventos desportivos com a sustentabilidade?**

A grande questão que se coloca é se seria possível conciliar os megaeventos com sustentabilidade (nesta visão de DS).

Se o olhar se focar somente nas questões ambientais, então a resposta será a mesma que Kathryn Molloy: “Jogos Olímpicos mais sustentáveis seria não ter Jogos Olímpicos” (Molloy citada por Cruger, 2009) ou a de Loland (2006) sob o “ponto de vista do consumo energético e poluição, o argumento pode ser feito no sentido de que os Jogos Olímpicos nunca deveriam ser realizados”<sup>15</sup> (p.45). Já Miah e Garcia reforçam esta ideia ao afirmar que “um compromisso firme para com o ambiente significaria que os Jogos Olímpicos não deveriam acontecer nunca ou, se eles ocorrerem, certamente deveriam acontecer sem prenomes no lugar, de forma a garantir o mínimo impacto

<sup>15</sup> Traduzido do Inglês: “from the point of view of energy consumption and pollution, the argument can be made that the Olympic Games should never be realized at all”

ambiental, que é criada pelas construções de novos espaços e mudanças infraestruturais”<sup>16</sup> (2012, p. 90).

No entanto, Molloy (citada por Cruger, 2009) contrapõe que apesar de tudo “estamos tendo as Olimpíadas, então o fato de VANOC ter feito da sustentabilidade uma prioridade é fantástico. Se você olhar para o impacto direto no ambiente e nas questões sociais, você pode ver um monte de aspectos negativos sobre as Olimpíadas em geral. (Mas) VANOC está assumindo um papel de liderança na sustentabilidade, sua influência é um catalisador para a mudança. Isso é tão significativo que é provavelmente super aos aspectos negativos”<sup>17</sup>.

Efetivamente os JO têm um impacto elevado no ambiente, o qual deve ser minimizado (ao máximo) pelos comitês organizadores, assim como pelas elevadas exigências colocadas pelas Federações Internacionais (FI) e pelo Comitê Olímpico Internacional (COI). O mesmo ocorre na organização da Eurocopa, Copa das Américas, Copado Mundo e outros megaeventos esportivos.

Porém, o esporte tem um alcance social e econômico que deve ser levado em consideração e não pode ser descartado. Isto significa que estas duas dimensões estão acima da dimensão ambiental?

Claro que não, apenas que o olhar deve ser nas 3 dimensões e não somente numa... como vem ocorrendo por parte dos grandes críticos aos Megaeventos, e especialmente ambientalistas.

Mas não nos esqueçamos que após o Esporte e Cultura, o Ambiente foi eleito, pelo COI, como um dos pilares do Movimento Olímpico (MO): “Desde 1996, o Meio Ambiente é o terceiro 'pilar' do Olimpismo, depois do Esporte e da Cultura”<sup>18</sup>.

Furrer (2002) exorta os Jogos a irem mais além, procurando a sustentabilidade ambiental mas sem esquecer de alcançar a inter-relação entre as três dimensões: social, ambiental e econômica. Para este autor “a revisão da literatura sobre os efeitos

<sup>16</sup> Traduzido do Inglês: “that a resolute commitment to the environment would mean that the Olympic Games should not happen at all or, if they did, they certainly ought to happen in the same place every time to ensure minimal environmental impact, which is created by the constructions of new venues and infrastructural change”

<sup>17</sup> Traduzido do Inglês: “However, we are having the Olympics, so the fact that VANOC has made sustainability a priority is fantastic. If you looked at the direct impact on environment and social issues, you could see a lot of negatives about the Olympics in general. (But) VANOC is taking such a leadership” role in sustainability, their influence is a catalyst for change. This is so significant that it probably outweighs the negatives

<sup>18</sup> Traduzido do Inglês: “Since 1996, the Environment has been the third ‘pillar’ of Olympism, after Sport and Culture”

dos Jogos Olímpicos na cidade anfitriã e seus cidadãos, imediatamente apontam para um elevado número de material sobre impactos económicos dos Jogos, enquanto o entendimento dos seus impactos sociais e ambientais a longo prazo continua inconsistente”<sup>19</sup> (Furrer, 2002, p. 1). Portanto, para Furrer (2002), os JO sustentáveis são aqueles que promovem a inclusão social, o bem-estar económico e a preservação do ambiente. Esta conceção de DS vai ao encontro da visão de autores como Kapp (1971), Sachs (2002), Lomborg (2008), Soromenho-Marques (2004), Boff (2013), Veiga (2010a) entre outros, e é denominada de *Triple Bottom Line*.

Afinal “Eventos esportivos, sejam eles micro, pequenos, grandes ou mega eventos, tornam-se uma ferramenta para melhorar a imagem da cidade transformando esse contexto em dividendos económicos durante o evento”<sup>20</sup> (Gibson, 2005).

É preciso, então, focar-nos na organização dos megaeventos sob o olhar das 3 dimensões e buscar caminhos que tornem os mesmos em eventos mais sustentáveis. A *Académie Internationale des Sciences et Techniques du Sport* (AISTS) do COI, em seus vários eventos sobre sustentabilidade, que vem organizando há mais de 10 anos, tem debatido e refletido sobre esta temática e apresentado várias soluções a organizadores, Federações Internacionais e ao próprio Movimento Olímpico. Tendo participado dos mesmos gostaria de relatar algumas das mais importantes soluções e inovações que encontro em encontros anuais.

A nível social há que pensar de forma ampla, ou seja, nas implicações culturais, educacionais e políticas. Desta forma, o primeiro princípio deverá ser sempre escutar

e ouvir a população local nos sentidos de saber quais seus anseios, problemas, propostas, soluções, etc. e assim atender às suas demandas. O passo seguinte deverá incluir a promoção da inclusão social em todo o processo, desde a organização do evento até à realização do mesmo. É também interessante que o Comitê Organizador (CO) promova ou incentive eventos sociais, educacionais, ambientais, etc. paralelamente ao evento. As questões educacionais devem fazer parte da agenda

---

do próprio evento em si, seja como eventos desenvolvidos pelo CO ou por entidades

<sup>19</sup> Traduzido do Inglês: “A review of the literature on the effects of the Olympic Games on the host city and its citizens immediately points to the large amount of material on the economic impacts of the Games, while the understanding of their social and environmental long term impacts remains inconsistent”

<sup>20</sup> Traduzido do Inglês: “Sporting events whether micro, small, large or mega events become a tool to enhance the image of cities transforming this context into economic dividends during the event”

parceiras.

No quesito Ambiental há de destacar algumas soluções, tais como:

- Eventos mais compactos e de fácil acesso (via transporte coletivo, bike ou *carsharing*);
- Transporte público grátis para atletas, equipe técnica, organizadores, voluntários e público pagante;
- Opção por garrafas de material de consumo descartável que seja biodegradável;
- Colocação de cestas para coleta somente de restos de comida, para compostagem;
- Promover eventos educativos no sentido de alertar a população para o problema da produção excessiva de lixo, assim como incentivar a diminuição da produção;
- Aplicar a filosofia dos 3R's (reduzir, reutilizar e reciclar) durante todo o processo da organização do evento e divulgar a mesma;
- Diminuir o consumo de energia fóssil e optar pelo consumo de energia limpa;
- Buscar propostas de diminuição da pegada ecológica do evento;
- Promover eventos (nas universidades, Startups, incubadoras, empresas, etc.) que busquem soluções inovadoras e empreendedoras na área de tecnologia de forma a diminuir os impactos ambientais negativos;
- Opção pela promoção em redes sociais, web, TV, rádio ao invés de cartazes, papel, folders, etc. (de forma a diminuir o consumo de papel e itens análogos).

As implicações econômicas do evento também podem ser negativas, em especial quando a transparência não é prioridade. É fundamental que o CO se foque na prestação de contas de forma clara e exímia, de preferência através do uso de sites online que todos possam acessar. Também não podemos descuidar a importância da inovação como meio de diminuir gastos e aumentar a proteção ambiental.

Em nível social, as implicações ambientais também há de destacar algumas soluções, tais como a criação de um App para interação com o público, que ajude a diminuir a

poluição visual, consumo de insumos, gastos energéticos, etc. e ajudem na ampliação e acesso à formação a mais e mais pessoas.

No que concerne às questões ambientais com implicações econômicas, há a destacar a importância de se maximizar o uso de recursos, sejam eles materiais, serviços ou bens.

Em nível social, econômico e ambiental a questão que mais impacta na comunidade de forma efetiva é a filosofia “*Think Globally. Buy Locally*”<sup>21</sup>. Comprar 100% dos produtos, contratar fornecedores, prestadores de serviços e mão de obra local é uma das mais valias que devem ser sempre aplicadas. Temos ainda que ressaltar que o CO deve optar por produtos ‘*eco-ethical-friendly*’ e promover a ‘*houses sharing*’<sup>22</sup> de forma a promover os 3 pilares do DS.

### **Conclusão**

Efetivamente, acabar com os megaeventos não seria algo razoável nem sustentável, pois estaríamos a descuidar o papel social e econômico que estes eventos têm. Mas continuar a organizar os mesmos numa óptica do século passado, também não é uma opção. Há que se buscar integrar as questões ambientais, como vem ocorrendo desde 1996, mas sem descuidar as questões sociais ou aprimorar a transparência e gestão econômica. Este equilíbrio entre as três dimensões é que parece ser o tendão de aquiles dos megaeventos, pois parece que umas vezes se dá mais valor a uma das dimensões e se descuidam as outras. Num estudo realizado por Araujo (2016) a autora concluiu que nos últimos JO as questões sociais têm vindo a perder atenção e as ambientais ganham relevo. O ideal é que ambas sejam importantes, e que nenhuma perca para a outra. Mas a questão econômica parece não ter melhorias significativas, apesar dos gastos astronômicos ocorridos com os JO de Pequim 2008 e Sochi 2014.

Para finalizar, gostaríamos de alertar a todos que lidam com eventos, sejam eles de que tamanho forem, que os princípios que se aplicam aos megaeventos poderão (e deverão) ser compartilhados por todos, embora com implicações e escalas distintas. Já que cabe a cada um de nós tornar o planeta melhor para todos, sejam as gerações atuais ou as que virão. O planeta agradece, mas a comunidade também... e as futuras gerações poderão desejar um local melhor para se viver e conviver.

---

<sup>21</sup> Traduzindo: “Pense Globalmente. Compre Localmente”

<sup>22</sup>Traduzindo: Compartilhamento de residências.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Carla Rocha. **Os jogos olímpicos da era moderna sob o olhar do desenvolvimento sustentável**. Análise centrada nas dimensões social, ambiental e econômica. Porto, 2016.
- BRASIL. Ministério do Esporte. Conselhos Federais e Regionais de Educação Física. **Legado de Megaeventos Esportivos**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.
- CURI, Martin. A disputa pelo legado em megaeventos esportivos no Brasil. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 19, n. 40, p. 65-88, jul./dez. 2013.
- ISHIY, Morupi. Turismo e megaeventos esportivos. **Revista Turismo em Análise**, v. 9, n. 2, p. 46-71, nov. 1998. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/63442/66185> Acesso em 25 jun. 2021.
- MATIAS, Marlene. **Organização de eventos: procedimentos e técnicas**. 6ª ed. Barueri: Editora Manole, 2013. MATIAS, M. O efeito dos megaeventos esportivos nas cidades. **Turismo & Sociedade**, Curitiba, v. 1, n. 2, p. 175-198.
- MAGALHÃES, Alexandre. O “Legado” Dos Megaeventos Esportivos: a reatualização e a remoção de favelas no Rio de Janeiro. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 19, n. 40, p. 89-118, jul./dez. 2013.
- Pinto, T. **Sustentabilidade em Eventos Desportivos**. 2018, 356 f. Estágio realizado no Porto Estádio SA. Porto: T. Pinto. Relatório de estágio Profissionalizante (Mestrado em Gestão Desportiva) - Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Porto, 2018.
- SANTOS, L.J.M; PENA, B.G. Aspectos Positivos e Negativos dos Megaeventos Esportivos no Brasil: Uma Visão Preliminar. **MEGAEVENTS FOOTPRINTS**, 2017.
- SARMENTO, J. P.; PINTO, A.; SILVA, C. A.; PEDROSO, C. A. O Evento Desportivo: Etapas, Fases e Operações. **Revista Intercontinental de Gestão Desportiva**, v. 1, n. 2, p. 79-86. 2011. Disponível em: [http://www.revista.universo.edu.br/index.php?journal=gestaoe\\_sportiva&page=article&op=viewArticle&path%5B%5D=411](http://www.revista.universo.edu.br/index.php?journal=gestaoe_sportiva&page=article&op=viewArticle&path%5B%5D=411) Acesso em 25 jun. 2021.
- SCHIMMEL, K. S. Deep Play: sports mega-events and urban social conditions in the USA. In: HORNE, J; MANZENREITER, W. (Ed.) **Sports Mega-Events: Social Scientific Analyses of a Global Phenomenon**. (Special Issue: The Sociological Review Monograph Series) V. 54, Issue Supplements 2, p. 160-174, dez. 2006.
- Berger, S. (2008b). Karl Polanyi's and Karl William Kapp's substantive economics: Important insights from the Kapp-Polanyi correspondence. *Review of Social Economy*, 66(3), 381-396.

Tsuru, S. (1972). *Institutional Economics Revisited*. <https://books.google.pt/books?id=dNVmVrvovuMC&printsec=frontcover&hl=pt-BR-v=onepage&q&f=false>:CambridgeUniversity.

Meadows, D., Randers, J., & Meadows, D. (2008). *Limites do Crescimento - A atualização de 30 anos* (C.R. Paschoa, Trad.). Rio de Janeiro: Qualitymark.

Gouguet, J.-J. (2000). Sport et environnement - Historique et bilan des conférences mondiales. In Université de Limoges (Ed.), *Sports de pleine nature et protection de l'environnement* (pp. 11-40). Limoges: PULIM.

Karamichas, J. (2013). *The Olympics and the Environment*. Great Britain: Palgrave Macmillan.

Veiga, J. E., & Zatz, L. (2008). *Desenvolvimento sustentável, que bicho é esse?* Campinas: Autores Associados. WCED. (1987). *Report of the world commission on environment and development - Our common future*. New York: United Nations - Published as Annex to General Assembly document A/42/427.

Comissão Mundial Sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. (1991). *Nosso futuro comum* (Portuguese) (2.<sup>a</sup> ed.). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

Kakutani, M. (2006). Al Gore revisits global warming, with passionate warnings and pictures [Versão eletrônica]. *New York Times* (May 23, 2006), disponível

[http://www.nytimes.com/2006/05/23/books/23kaku.html?\\_r=1&](http://www.nytimes.com/2006/05/23/books/23kaku.html?_r=1&).

em

Varandas, M. J. (2009). *Ambiente: uma questão de ética*. Lisboa: Esfera do Caos.

Boff, L. (2009). *A quem pertence a terra?* Consult. 15 março 2012, disponível em [http://www.humaniversidade.com.br/boletins/a\\_quem\\_pertence\\_a\\_terra.htm](http://www.humaniversidade.com.br/boletins/a_quem_pertence_a_terra.htm)

Ana Maria, (2013). *Fritjof Capra aponta Brasil como possível líder para um futuro sustentável*. Consult. 15 março 2015, disponível em <https://envolverde.cartacapital.com.br/fritjof-capra-aponta-brasil-como-possivel-lider-para-um-futuro-sustentavel/>

Savery, J., & Gilbert, K. (2011). *Sustainability and sport*. In J. Savert & K. Gilbert (Eds.), *Sustainability and sport* (pp. 3-14). Illinois: Common Ground.

Brundtland, G. H. (1987). *Presentation of the report of the world commission on environment and development to the UNEP'S 14th governing council session* Nairobi: UNEP'S 14th governing council session.

DSD. (2010). *Mission and goals. Division for Sustainable Development - UN Department of Economic and Social Affairs* Consult. 10 December, 2010, disponível em <http://www.un.org/esa/desa/financialcrisis/challenges.html>

Drexhage, J., & Murphy, D. (2010). *Background Paper - Sustainable Development: From Brundtland to Rio 2012*. Comunicação apresentada em High Level Panel on Global Sustainability. International Institute for Sustainable Development (IISD) - United Nations

Sachs, I. (2002). *Caminhos para o desenvolvimento sustentável* (4.<sup>a</sup> ed.). Rio de Janeiro:Garamond.

Sachs, I. (2008). *Desenvolvimento incluyente, sustentável sustentado*. Rio de Janeiro:Garamond.

Yunus, M. (2007). Nobel lecture. Consult. 12th june 2011, disponível em [http://nobelprize.org/nobel\\_prizes/peace/laureates/2006/yunus-lecture-en.html](http://nobelprize.org/nobel_prizes/peace/laureates/2006/yunus-lecture-en.html)

Yunus, M. (2010). *A empresa Social - A nova dimensão do capitalismo para fazer face às necessidades mais prementes da humanidade* (Ana Saldanha, Trad.). Lisboa: EditorialPresença.

Lomborg, B. (2002). *O ambientalista cético - Revelando a real situação do mundo* (I.Korytowski & A. B. Rodrigues, Trad. 5.<sup>a</sup> ed.). Rio de Janeiro: Elsevier. (II. Ted Talks(Writer)(2007). BjornLomborgsets globalpriorities. EUA.

Cruger, R. (2009). Green Games for Canada's 2010 Winter Olympics? Consult. 25th may2010, disponível em <http://www.treehugger.com/culture/green-games-for-canadaatms-2010-winter-olympics.html>

Loland,S.(2006).Olympicsportandtheidealof sustainabledevelopment. *JournalofthePhilosophyofSport*,33,144-156.

Miah,A., &Garcia,B.(2012).*TheOlympics: Thebasics*.London:Routledge.

Furrer,P.(2002).SustainableOlympicGames- Adreamorreality?*BollettinodellaSocietàGeograficaItaliana,SerieXII,v. VII(4)*.

Kapp, K. W. (1971). *The social cost of private enterprise* (2nd ed.). New York: SchockenBooks.

Lomborg, B. (2008). *Cool it - Muita calma nessa hora! O guia de um ambientalista cético sobre o aquecimento global*(ReginaLyra, Trad.). RiodeJaneiro:Elsevier.

Soromenho-Marques, V. (2004, 11 novembro 2004). Estratégia nacional dedesenvolvimento sustentável - Problemas e perspectivas. disponível em <http://www.25abril.org/docs/congresso/desenvolvimento/01.08-ViriatoSoromenhoMarques.pdf>

Boff,L.(2013).Oqueéeoquenãoé sustentabilidadesegundoF.Capra.Consult. 14 agosto2013, disponível em [http://correio.rac.com.br/\\_conteudo/2013/11/blogs/leonardo\\_boff/117131-o-que-e-e-o-que-nao-e-sustentabilidade-segundo-f-capra.html](http://correio.rac.com.br/_conteudo/2013/11/blogs/leonardo_boff/117131-o-que-e-e-o-que-nao-e-sustentabilidade-segundo-f-capra.html)

Veiga, J. E. (2010a). *Desenvolvimento sustentável - O desafio do século XXI*. Rio de Janeiro.

Gibson,H.J.(2005).SportTourism:ConceptsAndTheories.*SportandSociety*,8(2),133-141.